

## **O MAR, IEMANJÁ E OS PEIXINHOS DANÇANTES: INTERVENÇÃO SENSORIAL DE DANÇA EM ESCOLA PÚBLICA DE PELOTAS/RS**

**RAQUEL DE ALMEIDA DIAS<sup>1</sup>; ISADORA MARTEN BRIÃO<sup>2</sup>; BIANCA BESSA CORRÊA<sup>3</sup>; DAIANE DOMINGUES RAMIRES<sup>4</sup>; JOSIANE GISELA FRANKEN CORRÊA<sup>5</sup>**

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – raqueledualmeida@gmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – isadorabriao@gmail.com

<sup>3</sup>Universidade Federal de Pelotas – biancabessa@hotmail.com.br

<sup>4</sup>Universidade Federal de Pelotas – daianedlessa@gmail.com

<sup>5</sup>Universidade Federal de Pelotas – josianefranken@gmail.com

### **1. INTRODUÇÃO**

Este trabalho aborda como temas a dança, os saberes afro-brasileiros e as sensorialidades em relação à experiência artística na escola de educação básica. Trata-se de uma partilha sobre uma intervenção extensionista realizada pelo Projeto Unificado *Dança na Educação Básica: pedagogias possíveis* na *Escola Estadual de Ensino Médio Edmar Fetter* em agosto de 2025. A intervenção tinha como objetivo proporcionar experiências sensoriais a partir do tema “Mar”, a fim de provocar a produção de (auto)conhecimento sobre o corpo, a cultura afro-brasileira e a criação em dança.

O projeto em questão investiga a produção de conhecimento e os processos de ensino e aprendizagem da Dança na escola contemporânea brasileira, articulando-os a movimentos artísticos que se desenvolvem para além do ambiente escolar. As ações do projeto se fundamentam em uma perspectiva colaborativa e a/r/tográfica (DIAS e IRWIN, 2013), propondo a criação de espaços de escuta, troca e experimentação entre universidade, escolas e comunidades, promovendo ações que valorizem as experiências locais e contribuam para o fortalecimento das práticas docentes em Dança e da Arte como campo de conhecimento vivo e em movimento.

A intervenção extensionista aqui relatada teve como base teórica os estudos de CORRÊA e SANTOS (2014); DIAS e IRWIN (2013); KRENAK (2020); PINHEIRO (2023); e PIORSKI (2016).

### **2. METODOLOGIA**

A abordagem metodológica é qualitativa, integrando o engajamento direto em ações extensionistas, em relação com: pesquisa documental, bibliográfica e de campo. Tem-se como inspiração a noção de Pesquisa Educacional Baseada em Arte (PEBA), através de procedimentos a/r/tográficos, que envolvem a criação de comunidades de prática (DIAS e IRWIN, 2013). No caso, a comunidade de prática a/r/tográfica do projeto é formada por pesquisadoras, acadêmicas e professoras em atuação no território escolar. Ao abordar o ensino de Dança na escola de maneira ampla, considerando seus referenciais, objetivos formativos, conteúdos e procedimentos didáticos, articula-se extensão, ensino e pesquisa como dimensões indissociáveis da formação docente. Através da extensão universitária, objetiva-se estreitar laços entre universidade e escola, contribuindo para a qualificação do ensino de Dança na Educação Básica e para a formação crítica e sensível de professoras e professores. A pesquisa se desenvolve em



níveis reflexivo e empírico, propondo um constante diálogo entre saberes docentes, discentes, teóricos e práticos.

A metodologia adotada no trabalho de intervenção extensionista fundamentou-se em práticas de caráter vivencial, processual e colaborativo. A ação partiu da articulação entre dança, saberes afro-brasileiros e sensorialidades, assumindo a escola de educação básica como espaço legítimo de criação artística e de produção de conhecimento.

A experiência foi organizada como uma intervenção sensorial de dança, em que as crianças foram convidadas a explorar o tema “Mar” por meio do corpo, dos sentidos e da imaginação. A escolha desse eixo temático dialogou com a simbologia de lemanjá e sua força na cultura afro-brasileira, funcionando como fio condutor para provocar memórias, pertencimentos e possibilidades criativas.

O passo a passo da intervenção aconteceu da seguinte maneira:

1. Depois de receber os estudantes em uma sala ambientada previamente, uma das colaboradoras do projeto ensina as crianças a fazer um peixinho de dobradura. Cada criança cria o seu próprio peixe, dando cores e formas a partir da imaginação.
2. Sentadas no chão e em roda, em volta de um tecido azul colocado no centro, as crianças posicionam-se em frente a uma projeção de mar. Outra colaboradora solicita que as crianças “guardem” seus peixinhos na barriga, como se os tivessem comido, para que possam ouvir com atenção a história que será contada. Apreciando a imagem do mar em movimento que está sendo projetado na parede e acompanhado de sons de ondas que vibram nas caixinhas de som, as crianças ouvem o Conto de lemanjá, narrada por outra colaboradora do projeto. A história conta como as ondas do mar foram criadas..
3. Depois, as crianças são convidadas a fazer uma “mágica”, revelando novamente seus peixinhos, para brincar e dançar com as sombras dos peixinhos projetadas na parede. Outra colaboradora faz um convite individual: cada criança leva seu peixinho para “dançar no mar”, improvisando movimentos livres. Depois que todos já experimentaram, convida-se a turma toda para que explorem movimentos de cardume, com vários peixinhos dançando e criando variações de qualidades de movimento, níveis espaciais e proximidade ou distanciamento da luz do projetor.
4. Por fim, as crianças são convidadas a ir para um espaço mais amplo, para que, em roda, possam aprender passos ondulados, característicos das danças afro-brasileiras relacionadas à lemanjá. Essa parte é conduzida por mais uma colaboradora do projeto, pois o trabalho é todo desenvolvido em grupo.
5. Em meio às atividades, a equipe organizadora questiona as crianças sobre sensações e descobertas durante a vivência. Pergunta-se, por exemplo: “O que você sentiu durante a atividade? Como foi ver o mar e ouvir a história? O que o seu peixinho mais gostou de fazer? Alguém não conhecia este nome: lemanjá? Se você conhece, o que você pode nos contar?”

Dessa forma, a metodologia da intervenção extensionista “O mar, lemanjá e os peixinhos dançantes” configura-se como uma imersão estética, cultural e pedagógica, em que o corpo foi compreendido como lugar de inscrição de saberes, resistência e criação artística.

### **3. RELATOS E IMPACTOS GERADOS**



KRENAK (2020) reflete que vivemos em um tempo marcado pela ausência de sentidos essenciais, como o de viver em sociedade ou de experimentar plenamente a vida. Para ele, a intolerância diante de quem ainda consegue usufruir do prazer de estar vivo — seja dançando, cantando ou criando — revela uma humanidade que se aproxima de uma condição “zumbi”, incapaz de lidar com tanta fruição. Nesse contexto, o anúncio do fim do mundo funciona como uma tentativa de nos afastar de nossos sonhos. Sua provocação, porém, é que contar histórias se torna uma forma de resistir, de adiar esse fim.

Em escolas públicas, alunos muitas vezes têm pouco ou nenhum acesso a práticas artísticas e culturais de forma regular. Essa intervenção democratiza o acesso à dança e à expressão artística, promovendo inclusão social e formação cidadã. A presença de atividades como essa modifica o espaço escolar, tornando-o mais sensível, aberto ao sensorial e criativo. Promove um ambiente de acolhimento e escuta, contribuindo para a criação artística e outros aspectos fundamentais, como a saúde mental e emocional dos estudantes. Segundo CORRÊA e SANTOS (2014) os princípios de respeito à diversidade e à democracia devem ser inerentes ao ensino de dança no espaço escolar, para que a prática artística seja compreendida como uma prática inclusiva e respeitosa com todos os corpos.

O mar é um símbolo central em diversas manifestações culturais afro-brasileiras (como nas religiões de matriz africana, a exemplo de Iemanjá no candomblé e na umbanda). Ao trazer essa temática para a dança, a intervenção reconhece e valoriza as raízes culturais afrodescendentes, fortalecendo identidades historicamente marginalizadas. Trabalhar o tema “Mar” permite conexões com história, geografia, ciências, literatura e religiosidade, promovendo uma formação integral. Estimula reflexões sobre temas como diáspora africana, escravidão, identidade, resistência e ancestralidade. Em Pelotas, uma cidade com forte presença da cultura afro-gaúcha, isso é ainda mais significativo no combate ao racismo estrutural e à invisibilização cultural. Crianças e adolescentes negros podem se ver representados e valorizados em suas histórias e corpos, fortalecendo o sentimento de pertencimento. A dança, aliada à ancestralidade e ao sensorial, pode ser um meio de expressão de empoderamento pessoal e coletivo e, ainda, coloca em pauta a legislação brasileira que inclui no currículo escolar o ensino de cultura e história africana e afro-brasileira (BRASIL, 2008).

Professores e professoras nas escolas têm a obrigação de fomentar nos seus espaços de trabalho a Educação para as Relações Étnico-raciais (ERER), fazendo do contexto escolar um lugar antirracista, combatendo o preconceito e evidenciando a contribuição do povo negro para a constituição do Brasil. PINHEIRO (2023) enfatiza a importância também de intelectualizar pessoas negras, valorizando suas epistemes no espaço acadêmico, pela via do enegrecimento corpóreo e intelectual docente das instituições de ensino superior brasileiras.

A proposta sensorial permite que estudantes explorem o corpo de forma não normativa, rompendo com padrões engessados de movimento e comportamento. Isso contribui para a descoberta de si mesmos, do próprio corpo, da sensibilidade e das emoções. Estimula a inteligência corporal-cinestésica, muitas vezes negligenciada no currículo tradicional. PIORSKI (2016) defende que oferecer às crianças experiências sensoriais ligadas às formas fundamentais e aos elementos da natureza significa propor uma pedagogia que atua em profundidade, mais pelo eco do que pelo som imediato. As formas da natureza incidem nos corpos,

produzindo efeitos que se refletem na subjetividade e na percepção. Assim, a corporeidade se constitui também na relação com o meio, o que explica diferenças entre sujeitos de contextos distintos, como o esquimó e o jangadeiro. Ao estimular uma maior porosidade sensorial e desenvolver habilidades perceptivas em diferentes dimensões, as formas naturais podem tocar não apenas o corpo, mas também a alma.

#### 4. CONSIDERAÇÕES

Acreditamos que desenvolver intervenções sensoriais de dança com o tema “Mar” em escolas de educação básica é socialmente relevante porque atua na valorização cultural, empoderamento, sensibilização corporal e transformação social, promovendo o direito à arte, à cultura e ao autoconhecimento para todos os estudantes.

Na Escola Estadual de Ensino Médio Edmar Fetter, no bairro Laranjal, em Pelotas RS, 63 crianças participaram das atividades propostas, com grande entusiasmo e ativa participação. Além da equipe organizadora, também estiveram envolvidos professores e funcionários da escola em questão.

A vivência aqui relatada foi a inauguração de uma ação que seguirá acontecendo em outras instituições escolares ao longo do próximo semestre (2025/2), com a intenção de fortalecer o vínculo entre ensino superior e educação básica, assim como aprofundar o estudo dos conceitos envolvidos nesta ação e continuar proporcionando experiências sensoriais que provoquem a produção de (auto)conhecimento sobre o corpo, a cultura afro-brasileira e a criação em dança.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. **Lei nº. 11.645, de 10 de março de 2008**. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 11 mar. 2008. Disponível em: [L11645](#). Acesso em: 29 ago. 2025.

CORRÊA, Josiane Franken; SANTOS, Vera Lúcia Bertoni dos. Dança na Educação Básica: apropriações de práticas contemporâneas no ensino de dança. **Revista Brasileira de Estudos da Presença**, v. 4, n. 3, p. 509-526, 2014.

DIAS, Belidson & IRWIN, Rita L. (orgs.). **Pesquisa Educacional Baseada em Arte: A/r/tografia**. Santa Maria: Editora UFSM, 2013.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. **Como ser um educador antirracista**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.

PIORSKI, Gandhi. **Brinquedos do Chão: a natureza, o imaginário e o brincar**. Editora Peirópolis, 2016.